

02

Onde verbo se faz carne: a construção heteronormativa de discurso sobre corpos gays masculinos em ambientes organizacionais

Where the word became flesh:
the discursive heteronormative
construction of bodies in
organizational environment

Adriana Vinholi Rampazo

Doutora em Administração (USP)

Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Email: arampazo@uel.br

Luiz Eduardo Pereira Batista

Mestre em Administração (UEL)

Professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Email: luizeduardo@gmail.com





Resumo

Neste artigo pensamos em como os discursos organizacionais atuam sobre corporalidades. O objetivo desse trabalho é entender a influência do discurso organizacional no processo de construção dos corpos de trabalhadores gays masculinos. Para tanto, utilizamos os conceitos de performatividade e poder, discurso e heteronormatividade e as narrativas de cinco trabalhadores gays masculinos, coletadas por meio da gravação de entrevistas acerca de suas trajetórias profissionais e suas interações no ambiente organizacional. Aplicamos a Análise do Discurso de linha Francesa sobre essas narrativas, identificando sete recursos discursivos e concluimos que esses recursos influenciam na construção dos corpos desses trabalhadores dentro de um contexto heteronormativo.

Palavras-chave: Discurso. Corpo. Heteronormatividade. Organizações. Gays.

Abstract

In this paper we think about how organizational discourses act on corporeality. The objective of this study is to understand the influence of organizational discourse in the process of body conformation of male gay workers. For that purpose, we used the concepts of performativity and power, speech and heteronormativity, and the narratives

of five male gay workers, collected through interviews about their professional trajectories and their interactions in the organizational environment. We applied the French Discourse Analysis on these narratives, identifying seven discursive resources and conclude that these resources influence the construction of the bodies of these workers within a heteronormative context.

Keywords: Discourse. Body. Heteronormativity. Organizations. Gays.

Introdução

Quando um de nós, autores desta pesquisa, estava ministrando uma aula de Responsabilidade Social no curso de Administração em uma universidade pública paranaense, um dos acadêmicos reclamou da temperatura baixa ocasionada pelo ar-condicionado e pediu para aumentá-la. O colega que se sentava ao seu lado logo exclamou: “*Você é uma bicha mesmo!*”. E os dois riram. A aula envolvia apresentação de um seminário, cujo acadêmico encarregado trazia alguns trejeitos considerados afeminados na voz e na gesticulação. A partir da produção da frase heterossexista, a voz do apresentador mudou para um tom mais grave e assim continuou até o encerramento do seminário.

Surgiram-nos então, *a priori*, alguns questionamentos sobre a influência dos discursos heteronormativos e heterossexistas sobre os corpos dos gays. Esses corpos são como aí, de fato, estão, ou somente o são, pois não têm permissão para ser de outra forma? Se, dentro de uma sala de aula com pessoas adultas e pretensamente emancipadas, a reprodução de um discurso heterossexista consegue aparentemente mudar a voz de um acadêmico, o que aconteceria dentro das organizações em suas relações de poder no contexto de trabalho?

Além dessa inspiração empírica, com o intuito de problematizar teoricamente, inspiramo-nos, também, na dicotomia naturalizada e hierarquizada (no nosso caso, entre héteros e não héteros) que se inter-relaciona com o discurso de dominação entre os grupos separados por essa dicotomia. Para Butler (1998a, p.16, tradução nossa) a materialização dos corpos é governada por normas regulatórias “*que têm por objetivo assegurar a hegemonia heterossexual na formação do que qualifica como um corpo viável*”. Neste sentido, a heterossexualidade normativa e suas práticas associadas são utilizadas para ordenar e marginalizar aquelas e aqueles que vivem fora de seus limites, uma vez que, como afirma Foucault (1988), a homossexualidade na sociedade ocidental moderna está associada a um comportamento não natural e desviante, uma forma de perversão, muitas vezes vista como

pecado. Como uma instituição, pontua Jackson (2005), a heterossexualidade inclui elementos sexuais e não sexuais, definindo, a partir dela mesma e numa forma hierárquica, práticas como normais ou anormais. É assim que o corpo hétero é visto nas organizações como “*aquele que melhor atende aos ‘requisitos do cargo’*” (Flores-Pereira, 2010, p. 426).

Muitas pesquisas foram produzidas sobre gays no ambiente organizacional nos últimos anos, focando na discriminação, preconceito e violência simbólica no local de trabalho (Irigaray; Saraiva; Carrieri, 2010; Caproni Neto; Saraiva; Bicalho, 2013; Souza; Pereira, 2013; Caproni Neto; Bretas; Saraiva; Silva, 2015; Caproni Neto; Saraiva, 2018; Gomes; Feliz, 2019), as estratégias de sobrevivência no ambiente de trabalho (Irigaray; Freitas, 2013; Antunes; Versiani; Santos; Carvalho Neto, 2021), o descompasso entre o discurso de inclusão e as práticas organizacionais (Eccel; Flores-Pereira, 2008; Magalhães; Saraiva, 2018) e o consumo gay (Pereira; Ayrosa; Ojima, 2006; Pereira; Ayrosa, 2012).

Apesar disso, o debate sobre a construção dos corpos gays nesses estudos só é foco central para Pereira e Ayrosa (2012). No entanto, sua temática recai sobre a construção corporal a partir da própria cultura gay. Diferentemente, nosso foco se posiciona sobre a temática no contexto organizacional em que os gays enfrentam obstáculos para sobreviver por meio do trabalho. Nos demais estudos, o

corpo se faz presente, mas de uma forma periférica. E é neste *gap* que buscamos realizar este artigo.

Estabelecemos, então, o objetivo de entender influência do discurso organizacional no processo de construção dos corpos de trabalhadores gays masculinos. Dessa forma, este estudo pretende, a partir de seu objetivo, trazer contribuição para a performatividade dos sujeitos reflexivos de Butler. Para tanto, num primeiro momento discutimos como o corpo é construído, baseando-se nas ideias de Butler e Foucault e nos propusemos a entender essas ideias dentro do contexto da heteronormatividade.

Para que fosse possível alcançar nosso objetivo, entrevistamos cinco trabalhadores gays de diferentes organizações e aplicamos a Análise do Discurso Francesa, cuja utilização contribuiu para constatar a influência organizacional no processo de construção dos corpos dos trabalhadores por meio de sete recursos discursivos conhecidos como figuras de linguagem que identificamos e abordamos de forma crítica. Além da constatação do processo de construção dos corpos, concluímos também que nossa crítica, à maneira como ocorre essa construção, também pode, por sua vez, influenciar na construção de sujeitos reflexivos, o que pode fortalecer a teoria *Queer*.

1. Embasamento Teórico

1.1. A discussão sobre o corpo

Nossos corpos são socialmente construídos ou biologicamente dados? O que compõem nossos corpos são artérias, órgãos, tecidos naturalmente determinados... ou existe algo de ideológico que nos faz entendê-los da maneira como entendemos? Há quem já tenha dito que o corpo seja um composto de matéria biologicamente dado, naturalmente imposto e, dessa forma, determinante de capacidades, de habilidades (Maluf, 2001). Nesse pensamento, o corpo pode ser entendido como um avatar, um receptáculo da alma ou da mente, portanto necessário para que a existência humana fosse possível. O corpo como receptáculo estaria em segundo plano em relação à mente, uma vez que seria, em primeiro lugar, utilitário veículo para a possibilidade de interação social, ou em segundo, invólucro que aprisionaria a mente ou a alma ou, até mesmo, serviria de material de expiação dos pecados da carne (Barbosal Matos, Costa, 2011).

No entanto, várias são as questões que envolvem em situar o corpo em lá ou cá. Para quem defende que o corpo seja biologicamente dado (Maluf, 2001), não temos poder de escolher sobre aquilo que se chama de fato sobre o corpo. Não se escolhe não morrer no momento de morte. Não se escolhe ter dois metros de altura quando se é um

anão. Não se escolhe ser gay quando seu corpo deseja o dito sexo oposto. Dessa maneira, a performatividade não seria tão facilmente aceita como legítima enquanto pessoas sofrem com limitações que seus corpos lhes impõem. Já os que defendem a construção social entendem que tais limitações, bem como as configurações biologicamente consideradas, não passam de imposições sociais das quais podemos nos libertar ou não (Butler, 1993a). Ser louco ou ser são, ser mulher ou ser homem, ser preto ou ser branco, ser criança, são construtos concebidos pela interação social que seguem padrões configurados não pelo corpo em si, mas pela ideia construída do corpo. E aqui vai ter sempre um ponto inacessível, um limite humano que o corpo carrega em si mesmo.

Como o objetivo principal do nosso trabalho é entender a influência do discurso organizacional no processo de construção dos corpos de trabalhadores gays masculinos, nossa primeira preocupação deve ser encontrar um conceito de corpo que sustente a pesquisa. Para tanto, ter por premissa esse limite humano – acima citado – como questão parece dar conta da alocação do corpo conceitualmente. Portanto, um ponto que pode contribuir para a aceitação desse limite é desconsiderar os lados (o dado e o construído) isoladamente, uma vez que o debate essencialismo/construtivismo tropeça, segundo Butler (2002), em um

paradoxo. Ou melhor, para conseguir chegar a um ponto de entendimento do que seja o corpo, é necessário entender que as duas oposições podem se cruzar, materializando, nesse paradoxo, enfim o próprio corpo.

Neste primeiro momento, vamos considerar o pensamento de Grosz (2000) sobre a dualidade mente-corpo. Para ela, toda forma binária se dá de maneira hierárquica. Ao estabelecer qualquer tipo de dualidade, um elemento sempre estará em posição acima em relação ao outro. É o que ocorre entre os elementos homem x mulher; branco x preto; bem x mal; alma x corpo... Inevitavelmente quando um elemento forma um par com outro, um estará em posição superior ao outro. Dessa forma, separar a mente do corpo é, além da impossibilidade dessa separação, a maneira mais fácil de hierarquizar discursivamente o corpo à mente. Enquanto na mente se encontram a sublimação, a razão, a imortalidade, a pureza, no corpo há o pecado, a morte, a lascívia, a concupiscência. Como contribui Flores-Pereira (2010), especificamente nos estudos organizacionais, essa divisão hierarquizada entre a mente como instância própria do ser humano e o corpo como objeto à disposição dessa pessoa racional, recai sobre o modo de organização do trabalho a partir da Revolução Industrial, quando se inicia um processo gradual de clivagem entre o trabalho

do corpo e o da mente, distanciando, até mesmo, os valores socioeconômicos atribuídos a cada um deles.

Assim, com a estratégia de encontrar um ativismo feminista mais apurado, Grosz (2000) invoca o monismo de Spinoza para construir sua argumentação. Posto dessa forma, desestabelece-se a hierarquia, e o corpo é, então, considerado como não mais um elemento em oposição à mente, mas articulado a ela. Quando se tem como princípio que corpo e mente formam uma substância única, o modo de abordar esse novo corpo muda totalmente, uma vez que essa articulação permite uma versão complexa do corpo em que não mais é possível reduzi-lo à sua matéria biológica nem mais atribuir-lhe performatividades soltas. Na verdade, para Butler (1993a, p.2, tradução nossa), a performatividade *“deve ser entendida não como um ‘ato singular e deliberado’, mas sim como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”*.

Nesse sentido, nós somos corpos como substâncias discursivas não ontologizadas. Vamos praticar nossa performatividade numa práxis discursiva que nos dá a existência nunca prévia, mas sempre dentro da interação. Um bom modo de trazer luz para o nosso processo de existência é recorrer à dobra de Deleuze (1988) pela qual ocorre o processo de subjetivação, tão bem apropriada por Santos (1997) de como o discurso se faz carne.

Os discursos confluem, estão circulando, disputando espaço e prestígio pelo exercício de relações de poder. Há, contudo, uma superfície, uma “linha de fora”, por onde eles se deslizam e adquirem significado ao fazerem tensão. Nesse ponto de tensão imerge uma invaginação, uma dobra que se aprofunda, que “puxa” as duas extremidades da superfície tensionada pelo “peso” da dobra e elas se unem. A dobra está feita. A dobra somos nós, é a encarnação, o discurso feito carne. [...] A dobra somos nós, pondo dentro de nós a exterioridade, agora interioridade (Santos, 1997, p. 83).

No entanto, a conceituação de discurso como prática social, que já havia sido exposta por Foucault (1986), torna-se bem mais emblemática ao ressaltar a ideia de que o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder (Foucault, 1987; 2004). Então nossos corpos são construídos por meio de discursos e tais discursos estão inseridos em um contexto de saber-poder. É nesse contexto que o conhecimento é legitimado pelo poder que, por sua vez, produz conhecimento que o legitima.

Importante ressaltar que, para Foucault (1988), por vezes, esse poder até desempenha a função de impedir, censurar, proibir, mas, além disso, tem esse caráter principal de produzir e produz por ter sua legitimidade respaldada pelo saber. Se tomarmos essa lógica de saber-poder como pressuposto, podemos entender que, num ambiente organizacional, a construção dos corpos dos trabalhadores é

influenciada pela interação dos vários territórios que esses trabalhadores ocupam, inclusive a própria organização. A organização como espaço de discurso (e como discurso em si) participa da construção de corpos.

Mas essas práticas regulatórias, complementa Butler (1993a, p.2, tradução nossa), “*funcionam de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual*”. O corpo é então o resultado do formato que uma superfície possivelmente biológica dada vai se transformando com o peso dos discursos socialmente construídos sobre ela. É claro que o corpo material – aquele que chamamos de “físico”, que sangra, que dói, que envelhece – existe, mas sua materialidade é resultado da reinscrição repetitiva das normas regulatórias que age sobre ele. Os discursos que são produzidos, repetidos e aceitos constroem os corpos, possibilitando sua existência. Esse é o ato de inscrição em que esses discursos são incorporados em forma de normas, regras, condutas. O que é permitido e o que não é permitido. A formação discursiva, para Foucault, apresenta-se como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria.

Portanto, as inscrições sociais discursivas sobre a superfície biologicamente dada confere aos corpos o modo como eles estão, atribuindo-lhes então uma performatividade ilusoriamente naturalizada que estabelece, entre as questões de raça, classe e gênero, a heteronormatividade.

1.2. A Heteronormatividade

Além da performatividade, para o alcance do nosso objetivo, é importante retomarmos a discussão sobre heteronormatividade, uma vez que a construção de nossos corpos se dá por meio de discursos que são produzidos e reproduzidos num tempo-espaço dentro de seu contexto saber-poder.

É claro que, para um trabalho que se baseie no pensamento butleriano, a ideia de heteronormatividade pode, a princípio, mostrar-se destoante em razão do reforço que esse conceito traz às construções binárias. No entanto, essa aparente desconexão é um dos pontos centrais desse trabalho: a construção dos corpos dos gays por meio de discursos heteronormativos.

Neste ponto, é importante nos justificarmos, ressaltando que a própria Butler (2002) reconhece as categorias de mulher e de homem como necessárias, porque *“ainda não somos capazes de considerar aqueles atos e práticas e modos de vida que foram brutalmente excluídos desse mesmíssimo binário próprio e impróprio”* (Butler, 2002, p. 12). De acordo

com Derrida (1972), esse binarismo possibilita uma lógica de relação entre uma coisa centralmente posicionada e o seu oposto subordinado. Ou como prefere Grosz (2000), elementos binários se hierarquizam.

Trazendo esse pensamento para o contexto da nossa pesquisa, as denúncias de heteronormatividade como posição superior aos não heteronormativos nos dá a construção de corpos gays como aquilo que Butler (1993a; 2002), ao conceituar corpos cuja materialidade não apresenta tanta importância, concebe como corpos abjetos. Propositadamente, precisamos reconhecer a existência de um sistema binário entre esses sujeitos – gays abjetos – em oposição aos sujeitos encaixáveis à moldura da heteronormatividade. Precisamos reconhecer também que tal discurso somente é possível por sua legitimidade produzida pela episteme de cada época, em que cada uma dessa época é produto de uma anterior (Foucault, 1988). Assim, de modo geral, na sociedade enquadrada num discurso legitimado pelas relações de saber-poder como binária, a superfície gay dos corpos foco deste estudo recebe os discursos heteronormativos, o que lhes causa uma dobra carregada de sofrimento nessa ortopedia imposta sobre seus corpos.

De modo específico, podemos perceber que a hegemonia binária da heterossexualidade, como padrão naturalizado heteronormativo, requer estratégias nos mais variados

territórios, inclusive nas organizações. Essas estratégias, segundo Louro (2009), têm por objetivo garantir o privilégio dessa “construída naturalidade” do heterossexual. Dessa forma, é imposto a todos que os desejos, então considerados normais, são justamente os que se enquadram no paradigma binário masculino-feminino heteronormativo.

Importa-nos, além do destaque ao objetivo por nós traçado, salientar a permeabilidade desse discurso sobre as dobras dos corpos, uma vez que, de acordo com Souza e Pereira (2013), a heteronormatividade é um dispositivo de poder que regula implicitamente todas as formas de identidades sexuais, sejam elas heterossexuais ou gays. Portanto, a heteronormatividade controla não somente os grupos minoritários e não dominantes, mas também estabelece as normas que os próprios heterossexuais devem seguir, considerando qualquer comportamento contrário como comprometedor tanto dos desempenhos sociais como profissionais (Irigaray; Saraiva; Carrieri, 2010).

Mesmo que atualmente a homossexualidade não seja considerada uma doença pela medicina, os discursos familiares, morais e religiosos ainda permeiam pela sociedade contribuindo para a construção de corpos heteronormativos. Um corpo heteronormatizado não é somente aquele em que se inscreve um discurso de preferências heterossexuais, mas também aquele em que se aplica o comportamento

masculino e feminino legitimado da nossa época, seja ele heterossexual ou não. Portanto, o discurso heteronormativo configura o processo de aceitação homossexual como a que esteja dentro dos padrões estabelecidos pela performatividade de gênero pseudonaturalizada, uma vez que a heterossexualidade é concebida hegemonicamente como natural e compulsória, apesar de não sê-la (Souza; Pereira,, 2013; Miskolci, 2009). Dessa forma, qualquer corpo que não se encaixa nas configurações heteronormativas, independente de ser um corpo heterossexual ou não, passa a ser um corpo estereotipado, estigmatizado e marginalizado, ou, como sugere Butler (1993a): um abjeto.

2. Procedimentos Metodológicos

Este estudo pretende entender a influência dos discursos organizacionais no processo de construção social do corpo de trabalhadores gays masculinos, permitindo a possibilidade de talvez se encontrarem futuramente formas de resistência a esse dispositivo da verdade. Portanto, a análise desse processo permite a reflexão acerca da construção desses corpos nesses contextos, bem como o fornecimento de dados para o ativismo *Queer*.

Como a Análise do Discurso foge aos preceitos da ciência positivista e, dessa forma, não se tem o compromisso de representar a população como um todo, para que o objetivo

fosse alcançado, foram realizadas entrevistas com cinco trabalhadores gays masculinos tendo como ponto de partida o modo como discursam sobre sua trajetória profissional e suas interações organizacionais. Esses participantes foram escolhidos por partilharem entre si as características fundamentais para a pesquisa: todos se identificam como homens gays/homossexuais – usam ambos os termos como intercambiáveis para sua própria identificação, como pode ser visto nos recortes das suas falas neste estudo: “sou gay” ou “sou homossexual” – cisgêneros e trabalhadores com trajetórias profissionais heterogêneas (embora dois deles sejam professores), o que poderia contribuir para uma riqueza discursiva na análise. Assim, apresentamos a contextualização de cada participante a seguir:

Participante 1: 20 anos, auxiliar administrativo, cursando graduação em Matemática, não assumido, mora com os pais, autodeclara-se classe média-baixa e branco.

Participante 2: 21 anos, assistente administrativo de uma loja de materiais elétricos, cursando graduação em Administração, não assumido, mora com os pais, autodeclara-se classe média e branco.

Participante 3: 33 anos, professor de uma escola de Ensino Fundamental e Médio, graduado em Letras, não assumido, mora com os pais, autodeclara-se classe média-baixa e branco.

Participante 4: 23 anos, professor de uma escola de Ensino Fundamental, cursando graduação em Letras, parcialmente assumido (só assumiu ser gay no trabalho), mora com amigos, já que seus pais vivem numa cidade menor na vizinhança, autodeclara-se classe média-baixa e branco.

Participante 5: 22 anos, auxiliar financeiro de uma construtora, cursando graduação em Administração, não assumido, mora com os pais, autodeclara-se classe média-baixa e branco.

No entanto, como não lidamos como sujeitos isolados de seu contexto sócio-histórico, necessitamos explicitar certos elementos sobre o “lugar” social e histórico que os entrevistados ocupam (Fonseca, 1999). Assim, é importante frisar que todos os entrevistados são moradores de uma cidade tradicionalista e conservadora de porte pequeno no interior do Paraná – cuja fonte de renda principal é o agronegócio –, onde a maioria das pessoas se conhece e o comportamento de todas e todos é vigiado e disciplinado, sendo que o fato de se assumir gay é diferente do que ocorre em cidades grandes, conforme constatado por Ferrari e Barbosa (2014) em seu estudo, já que *“assumir-se, por mais que pareça, não é uma decisão individual e autônoma, mas culturalmente disponível [...]”* (Miskolci, 2014, p. 57).

Nesta cidade, pelo contrário, a homossexualidade é silenciada, para atender as demandas morais da igreja,

da escola e da família, e para manter relações – sexuais, amorosas ou de amizade –, mesmo os que se assumiram publicamente como gays, muitas vezes utilizam aplicativos de encontros ou se dirigem à cidade de porte médio mais próxima, onde existe uma “vida noturna” gay, a fim de não correr o risco de se expor publicamente na sua cidade.

Além disso, os entrevistados também foram escolhidos pela aproximação com o entrevistador, que é o primeiro autor deste artigo. O fato do pesquisador conhecer pessoas que se encaixavam nas características necessárias para esse estudo foi fundamental, uma vez que isso possibilitou o contato.

O primeiro contato se deu por meio de WhatsApp como forma de convite para participar da pesquisa. Nesse momento, também aproveitamos para explicar o objetivo da entrevista e o modo como ela aconteceria: a entrevista seria gravada de modo totalmente confidencial. Também deixamos os participantes à vontade para a escolha do local da entrevista e expusemos o caráter de anonimato na conduta e publicação da pesquisa.

Para que houvesse a garantia desse anonimato, assumimos que apenas se usariam excertos exemplificativos do discurso que não fossem muito extensos para que a possibilidade de identificação fosse impedida. É importante lembrar que esses personagens poderiam ser vítimas de preconceitos ou de assédio moral ou sexual em razão de sua

orientação. Portanto, outro cuidado que tivemos para que o anonimato fosse garantido foi, claro, a não identificação dos participantes, nem mesmo a utilização de codinomes exclusivos para cada um, uma vez que possibilitaria a associação dos discursos e a identificação seria possível. Em razão disso, com o intuito de proteger nossas fontes, abrimos mão da utilização dos codinomes. Caso o nome de algum participante aparecesse em suas narrativas, referindo-se a si mesmos em terceira pessoa, o codinome geral utilizado foi Mogli – uma alusão ao personagem de Rudyard Kipling, cujo corpo se constrói em sua interação com outros seres.

Dos sete convidados, cinco aceitaram participar das entrevistas que aconteceram individualmente na casa de cada um deles, o que contribuiu para o desenvolvimento de maneira informal e descontraída das conversas – apesar dos pontos desconfortáveis – que foram gravadas em áudio com duração de 30 a 40 minutos, incluindo temas diversos embora o entrevistador voltasse sempre para o objetivo proposto. Portanto, o foco das entrevistas sempre recorria aos sentimentos e interações do entrevistado no local de trabalho.

A Análise do Discurso realizada baseou-se na análise dos áudios que foram transcritos e lidos diversas vezes, na busca de elementos discursivos em que fosse possível identificar reforço ou ataque a instituições formais ou informais de poder, bem como a categoria dos que ganham

e dos que perdem nesses embates, por meio da opressão e/ou resistência e/ou da justificativa do *status quo*.

Depois de identificados os elementos discursivos que apresentaram os aspectos acima, a etapa seguinte consistiu em encontrar uma identificação de temas por meio da interpretação desses discursos. E então fizemos a atribuição de cada fragmento aos temas em que se encaixam, exemplificando e justificando, dessa forma, os significados atribuídos ou os efeitos produzidos (Lombart, 1995) e a interpretação para os efeitos sociais (Parker, 1992).

Como esse estudo busca a influência da construção do corpo por meio do discurso, optamos em categorizar os elementos discursivos em questão como figuras de linguagem ou recursos linguísticos que reconfiguram os corpos como um discurso produzido nas interações organizacionais. Os termos destacados nos discursos sugerem o reforço do recurso. Em cada fragmento na análise que se segue, foram utilizados as iniciais de cada recurso linguístico seguidas da letra “D” de discurso e o número correspondente à quantidade identificada para este trabalho.

3. A Encarnação do Verbo: o processo de inscrição discursiva nos corpos

Partindo do pressuposto de que os discursos são os constituintes essenciais de todas as coisas, lançamos mão de

seus próprios recursos linguísticos utilizados para atribuir significado que se materializa na própria prática discursiva (Butler, 2003). Dessa maneira, é possível perceber como os discursos são utilizados como dispositivos de poder, muitas vezes, pela sutileza aparente, ou melhor, naturalidade com que reforçam padrões e, portanto, também ditam exclusões. Assim, nossa proposta de análise consiste em categorizar a identificação de sete recursos linguísticos que reconfiguram os corpos desses trabalhadores, justamente por serem recursos, ao mesmo tempo, constituintes e construtivos dos corpos. Tal análise, detalhada na sequência, apresenta-se composta de sete recursos linguísticos, a saber: paradoxo, metonímia, eufemismo, metáfora, hipérbole, eclipse e ironia.

O primeiro recurso linguístico que abordaremos nesta sessão é o paradoxo. Como representante máxima da contradição, essa figura é utilizada nos discursos como forma de construir um corpo insuportável. Ela traz ambiguidade aos corpos, nem permitindo sua existência, nem a proibindo. Esse recurso dificulta a performatividade butleriana do corpo que perde seu ponto gravitacional. O corpo não se molda nem lá, nem cá, possibilitando aos seus construtores isenção de culpa, quaisquer que sejam as consequências. Dessa forma, as organizações discursam de modo a não se declararem discriminatórias, mas não autorizam a manifestação de um corpo fora dos padrões

heteronormativos. Os participantes assim demonstram esse recurso:

Eu fico na minha, mesmo que tenha algumas pessoas lá que eu tenha alguma abertura em relação à minha vida pessoal, as pessoas sempre demonstram diversos níveis de preconceito (PD1).

O proprietário da empresa nunca... pelo menos, nunca presenciei, né... chegou proibindo ou falando alguma coisa ou impedindo [...], mas essa informação [padrão heteronormativo], ela é transmitida informalmente entre as pessoas que trabalham lá na empresa (PD2).

Não sou só eu, tem outras pessoas que são homossexuais... é até um absurdo a gente falar isso... por aceitar parece que não fazem mais que a obrigação deles... eles não apoiam... mas não vejo eles crucificando... é uma empresa neutra (PD3).

A coordenadora me fala que eu não tenho que fugir, mas eu não sinto isso de nenhuma outra pessoa porque eu tive outra coordenadora que disse algo ano passado assim... tinha uma menina no quinto ano que tinha um jeitinho másculo. E ela falou assim: “a gente tem que ver se não tá faltando uma figura feminina na casa dela que a irmã dela também é assim”. Somente uma pessoa me apoia, então eu não posso ser quem eu sou, falar abertamente (PD4).

Com os professores eu sou bem aberto, todo mundo sabe de mim. A direção me encaminha que não pode haver por causa dos pais, nunca falaram que eu não posso dizer que eu sou gay, mas diversas vezes deixaram implícito “não pode”... “tomar cuidado”... “como que os pais reagiriam”.. eu acho que o problema maior seria até os pais que o alunos (PD5).

Podemos perceber nesses trechos que as organizações não declaram o discurso que censura ou proíbe a liberdade do corpo gay, mas não o permite a existência de fato. O exercício de poder sobre esses corpos por esse recurso nos parece o ponto inicial para o poder produtivo (Foucault, 1988; 2004). Os termos utilizados (“*eu tenha abertura*”, “*nunca chegou proibindo*”, “*não vejo eles crucificando*”, “*fala que eu não tenho que fugir*”) são neutralizados por outros que lhes opõem (“*demonstram diversos níveis de preconceito*”, “*não apoiam*”, “*não posso ser quem eu sou, falar abertamente*”).

Um ponto interessante sobre o uso do discurso paradoxal sobre esses corpos é que esse recurso também é reproduzido pelo próprio entrevistado, fazendo com que reforce a própria construção ambígua. Este participante assim enuncia:

Eu não falo pra ninguém isso porque até hoje não me senti preparado pra isso e também acho que sempre deu pra levar de boa. A princípio minha mãe sempre foi muito doente, então eu deixei de lado isso e sempre mantive isso às escondidas. [...] Só tem duas pessoas da escola que sabem de mim que é a [Amiga1] e a [Amiga2], elas sabem, porque elas viraram muito minhas amigas e eu senti muita necessidade de contar pra elas. Até elas conhecerem uma pessoa que eu tô namorando e gostaram muito, então eu me senti, vamos dizer assim, tirando um peso das minhas costas pra elas (PD6).

Podemos identificar o paradoxo entre as expressões como “*sempre deu pra levar de boa*” e “*tirando um peso das minhas costas*”. O sofrimento presente nesse corpo não somente se constata pela abjeção butleriana como também pela performatividade desse corpo em produzir esse discurso paradoxal: como poderia sempre ter levado de boa se era um peso para suas costas?

A construção desses corpos também ocorre por outros recursos discursivos. Um deles também muito presente nesse processo de construção é a metonímia. Tal construção apresenta-se como estratégia clássica das relações, velha inimiga dos vários ativismos das minorias. A objetificação é o corolário do discurso metonímico cuja construção reduz os corpos totais às suas partes, causando uma simplificação muitas vezes injusta desse corpo.

Dentro da nossa cultura heteronormativa, os próprios corpos gays reproduzem os discursos metonímicos, contribuindo eles mesmos para a clivagem entre os corpos heterossexuais e gays, construindo uma linha que os afasta. Daí é possível perceber o discurso metonímico sobre os corpos nos enunciados desses gays, reduzindo as características gays ao homossexual afeminado.

Tem um professor de filosofia que ele é e pelos status do celular dele a gente consegue identificar, né [risos] (MD1).

Eu acho que, por eu ser muito *light* nessa coisa, eu nunca dei bandeira, não fiquei dando muita bandeira. [...] Eu acredito que se eu fosse mais afeminado eu acho que eu teria mais trejeitos, eu gostaria de usar um penteado diferente, ir pra academia pra atrair isso e aquilo... eu acho que eu seria mais perfeccionista, mais zeloso comigo, né. Mas como eu não sou muito assim eu acredito que eu sou muito mais na minha. Então eu acho que é por isso que nunca tive esse problema [...] então eu acho que nunca me pareceu eu ser gay (MD2).

Além disso, esse recurso ainda é utilizado para objetificar o trabalhador diante de suas funções:

É triste dizer isso, mas as pessoas pensam que não passam a credibilidade necessária para essas funções (MD3).

Esses discursos apresentam a objetificação do gay masculino como aquele que tem trejeitos ou um comportamento afeminado. O corpo gay é reduzido a uma particularidade nem sempre presente em cada um desses corpos, mas que permeia o imaginário social, devendo ou desejando que essa imagem de poluição homoerótica, portanto, seja evitada (Perlongher, 1987).

Essa construção metonímica contribui também para a urgência de outro recurso discursivo que recai sobre os corpos: o eufemismo. O corpo eufemístico passou pelo processo de construção discursivo que o tolheu de sua

suposta agressividade, ou que lhe lança repetidas investidas para tal. Essas ações vigiam corpos, portanto os constroem (Foucault, 1987) para que não sejam tão tétricos diante da heteronormatividade. E, quando essa tentativa de vigiar se frustra, recorrem à punição daquilo que a norma estabeleceu como grotesco, como abjeto.

Eu queria fazer tatuagens e mexer no cabelo, mas esse tipo de mudança não é bem vista e é desencorajado pelo proprietário da empresa. Ninguém na empresa tem uma tatuagem visível ou um cabelo mais ousado (ED1). Por exemplo, depende muito do profissional, eu não sei se isso vai levar em conta ou não, mas eu tenho o sentido assim pra mim: eu trabalho numa escola, ensino infantil, fundamental I, fundamental II, então eu tenho que preservar um pouquinho porque eles são crianças ainda, né. Eu não vou colocar no facebook uma coisa que seja ofensiva pra idade deles, pra que os pais não se preocupem com isso (ED2).

Mas se tivesse que colocar alguma coisa, lógico, eu até colocaria, mas não é o meu jeito de fazer isso. Esse outro professor, por exemplo, não, ele já escancara um pouquinho mais. E não é porque ele quer não, viu, porque ele se esconde também. Ele também é outro professor que se esconde. Eu... vejo que ele é um pouco imaturo nesse quesito (ED3).

A questão de parecer gay (já enviesada por um discurso metonímico) é algo a ser evitado a todo custo. Os termos

presentes em ED1 apontam como o ambiente de trabalho coloca esse corpo sob a aparência de um espectro e por isso ‘não é bem visto’. Em ED2 e ED3, os próprios gays, frutos desse poder produtivo, reproduzem o discurso eufemístico, considerando o ser gay como ‘ofensivo’ e ‘imaturo’.

Já me falaram que eu era muito mole por ser gay. Diziam que eu *lidava com o trabalho de modo feminino* como se isso fosse ruim... então eu tinha que ser menos gay (ED4). Ano passado teve outro problema, eu tava no açaí com brinco de pressão e uma aluna me viu. Daí no outro dia na sala de aula, ela falou pra todo mundo, todo mundo já tava sabendo que eu tava com brinco. Ela falou assim: “professor eu não imaginava, você uma pessoa tão séria, uma pessoa que é tão direita, usando brinco!” Eu tive que parar a aula e dei um sermão. Eu disse que não era o brinco que ia mudar meu caráter. Mas daí você pensa se um simples brinco deu esse alvoroço todo entre os alunos, imagina eu falar assim “ah eu sou gay” (ED5). Tem muita diferença entre homossexual afeminado e não afeminado. Eu já ouvi assim “se você é não precisa escancarar, não precisa ser assim” quando eu trabalhei o ano passado a questão da homofobia com os alunos, eu li isso em diversos textos, “ah se é pode ser, mas não precisa escancarar, não precisa mostrar pra ninguém” (ED6).

Enquanto a metonímia reduz os corpos a atributos pontuais, o eufemismo aplica-lhes uma amenização dentro dos padrões heteronormativos. Esses corpos buscam então uma

construção menos aparente de si mesmo, pois a demonstração de corpo, por exemplo, afeminado agride os olhos de quem o vê ('não precisa escancarar', 'ser menos gay').

Além disso, o discurso hegemônico lança mão de outro recurso linguístico sobre os corpos: a metáfora. Após a estratégia de dificultar a performatividade do corpo por meio do paradoxo, estigmatizar o corpo gay afeminado por meio da metonímia e impor que haja a suavização desses trejeitos afeminados, o recurso agora é estabelecer o padrão com o qual o corpo gay deve se parecer: o heteronormatizado.

Dessa forma, nossa cultura heteronormativa utiliza o padrão hétero como aquele com que devemos nos comparar como verdade inquestionável (Louro; Rios, 2009; Souza; Pereira, 2013). Essa utilização da metáfora pode ser percebida em vários trechos discursivos que se inscrevem nos corpos investigados.

Eu não me afirmava como hétero, mas tinha comportamento de hétero para evitar os constrangimentos (MED1). Tem outros professores que eu sei que são e que nunca tiveram esse tipo de problema até porque ninguém sabe, até a própria coordenação. Todo esse problema que eu passei esses outros não passaram porque eles têm menos jeito que eu. Eles passam despercebidos (MED2). Eu acho que ninguém desconfia. Eu não me considero com trejeitos, não sei... e eu sou uma pessoa muito séria

ao tratar com os alunos... eu acho que a concepção deles de gay é aquela concepção de que o gay é totalmente afeminado, totalmente que se mostra pros outros. E quando eles me veem, têm essa diferenciação, acho que eles me veem assim uma coisa mais na minha, não sou de ficar fazendo um jeito afeminado por isso eu acho que não tem nada a ver. Teve um professor uma vez que percebeu, não sei como ele percebeu... acho que o gayômetro dele era muito elevado, mas ele percebeu porque eu não contei. Ele percebeu e eu não lembro como ele descobriu. Mas em nenhum outro caso teve assim alguém perceber alguma coisa de mim. Ninguém percebeu sinceramente até hoje (MED3).

Vale lembrar que o que apontamos nesses discursos é a construção do gay e do heterossexual dentro do contexto heteronormativo. Portanto, mesmo que os entrevistados sejam gays, é importante perceber que a concepção deles, por mais ou menos consciência que tenham, sobre o hétero e o gay ainda está moldada pela produção heteronormativa de poder. Esses corpos são assim construídos e, por isso, têm essa performatividade heterocentralizada. Dessa forma, expressam tão naturalmente esses termos como ‘*tinha comportamento de hétero*’, ‘*sou uma pessoa muito séria*’, ‘*sou muito mais na minha*’. Quando Butler (2003) nos propõe sujeitos reflexivos a partir da performatividade, é importante destacar esses recursos linguísticos dentro do

próprio discurso homossexual para que haja a contribuição dessa reflexão.

Nesse processo de construção de corpos, outro recurso é utilizado àqueles que escapam da heteronormatividade, enquadrando-os num paradigma abominável: os abjetos (Butler, 1993a). A imagem hiperbólica serve como antímodo, aquilo do qual todo corpo deve se afastar por suas dimensões grotescas e caricatas, as quais lhe conferem depreciação por meio de chistes e moralismo. Aqui o corpo não moldável à configuração heteronormativa recebe as punições que lhe cabem por sua deformidade que vão desde olhares e sermões até mesmo a agressões e demissões.

Eu trabalhava num ambiente machista, de muita chacota, não admitiam que um rapaz não namorasse, insinuação com a amiga, cobranças de ir pra zona, como na família (HD1).

Teve uma vez que um colega de trabalho falou coisa com um tom de voz bem mais agudo que o normal e... gesticulando sabe? As outras pessoas deram risada logo após e teve até uma pessoa que imitou o jeito... a forma que ele falou assim... isso foi bem chato (HD2).

Não existe abertura nem diálogo na empresa sobre diversidade e sempre quando surge algum assunto relacionado à diversidade sexual, por exemplo, sempre acontece algum tipo de comentário com conotação engraçada, piada para as pessoas que estão falando esse tipo de coisa (HD3).

Algumas limitações que eu identifico que são fatores assim que me... que eu vejo que me desencorajam a ser mais aberto é justamente questão de religião e coisas que o pessoal fala durante o dia a dia relacionadas à família que eu identifico como conservadoras (HD4).

Eu conheci um menino ano passado que fazia estágio numa escola, daí ele falou pra diretora que ele era gay e ela o demitiu. Ele sentiu a necessidade de falar pra ela, não entendi por quê. Ele acabou demitido (HD5).

Eu acho que ficou por parte daquelas pessoas mais velhas que têm esse preconceito. Eu acho que elas são fechadas. Quando há esse assunto no centro, a gente percebe pelos olhares das pessoas que elas são contra. Elas não falam ‘eu sou contra, eu sou a favor’, mas pelo olhar delas, elas ficam na delas, elas não comentam nada. Elas não gostam de falar sobre isso. Pelo jeito do olhar, pelo jeito de agir eu acho que elas têm um certo preconceito por serem mais antigas, mais tradicionalistas (HD6).

Teve uma vez que teve uma antiga dona da escola, que ela me chamou pra conversar porque eles haviam prometido alguma coisa pra mim e não cumpriu na época. E quando eu fui questionar essa diretora, ela olhou pra mim e falou assim ‘olha, acho que você deveria agradecer a Deus por estar numa escola que te aceita, porque você sabe que, com **esse seu jeito**, muita gente não te aceitaria (HD7). E daí, um dia tinha uma namoradinha na sala, a namoradinha falou assim ‘professor, eu vou terminar do fulano’ eu falei ‘por quê?’ ‘porque ele falou assim que se um dia a gente tiver um filho gay ele vai bater até virar homem’ (HD8).

Tem aquele grupo que eu sou mais distante... acontece por exemplo de eles virem com algumas brincadeiras. No final do ano mesmo, ano passado a gente tava numa chácara e o professor fez brincadeiras do tipo que eu ia... meio que dando em cima ou dando a entender que porque eu sou homossexual eu vou querer atacá-lo, vou querer ficar com todo tipo de homem da face da terra ou qualquer um (HD9).

Sempre tem algumas brincadeiras, né... você percebe que não é só uma brincadeira que tem um fundinho ali (HD10).

Enfim, acabou que ela tirou o filho da escola e ela falou pro diretor que tava tirando por causa de mim. Ele era mediano com todo mundo, mas o problema dela foi comigo. E ela falou pra coordenação, eu estou tirando por causa do professor Mogli, eu não aceito ele dar aula pro meu filho (HD11).

Os corpos gays masculinos passam por toda essa ortopedia discursiva que os configuram e reconfiguram dentro da padronização hegemônica ou são enxotados quando da recusa. A resistência é vista como aberração, anomalia, uma deformidade contra ao natural ou a Deus. O abjeto. No entanto, a estratégia discursiva não se satisfaz com essa modulação corporal, uma vez que identificamos um sexto recurso linguístico que traz a omissão sobre os corpos. Diferente do discurso eufemístico, que suaviza as expressões corporais, o discurso elíptico é aquele que cala

o corpo. O corpo não diz, não se expressa, embora esteja ali, em evidência latente.

É algo que eu não pensei, mas se for pra levar [namorado na confraternização de fim de ano] eu levo de boa, não tem problema. Lógico, posso apresentar como meu amigo, as pessoas podem acreditar ou não, entendeu, mas isso vai da cabeça delas. No fim do ano passado, até ele iria vir porque ele é amigo também das duas amigas minhas da empresa, então nós íamos ficar na mesa como se fôssemos amigos. Então, assim, independente ou não, ele é meu namorado ou não, eu ia levá-lo como um amigo, que seria não só amigo meu, mas amigo das outras duas pessoas também (ELD1).

Se você tiver um companheiro ou companheira, você pode postar alguma coisa, no meu caso eu não poderia fazer isso. Eu participo das confraternizações e eventos, mas não levo ninguém. Nunca levei ninguém porque não tinha, só que se eu tivesse eu ficaria meio assim, conhecendo, sabendo como eles são, geraria um fuxico, não que eu acho que a direção vai falar ‘não, você não pode fazer isso’, mas a gente sempre fica na retaguarda porque a gente não sabe a reação, né (ELD2).

Entendemos aqui que os corpos gays passam por uma sombra, um ocultamento por que os corpos heterossexuais não passam. Em ELD1 e ELD2, reflete-se a necessidade de ocultar a natureza das relações afetivas devido ao medo de julgamento, preconceito e possível discriminação. Em (ELD1), o participante sente a necessidade de apresentar seu

namorado como um “amigo” durante uma confraternização de fim de ano, reconhecendo que a aceitação ou não dessa relação “vai da cabeça delas” (das outras pessoas). Isso mostra como a identidade afetiva é suprimida em favor de uma narrativa mais aceitável socialmente, destacando o ocultamento forçado. Em ELD2, o participante expressa a impossibilidade de compartilhar abertamente sua relação afetiva nas redes sociais e evita levar um companheiro aos eventos da empresa. O medo de “gerar um fuxico” e a incerteza sobre a reação dos colegas ou da direção da empresa demonstram uma vigilância constante sobre suas ações e a necessidade de se resguardar para evitar possíveis repercussões negativas. Esse elementos discursivos ilustram a realidade de muitos sujeitos que, para evitar conflitos e preservar sua integridade, acabam ocultando aspectos fundamentais de suas vidas pessoais, produzindo uma performatividade elíptica. Observamos até mesmo as condições de aprisionamento que o heterossexual não sofre no trecho ELD3 a seguir:

Ir pro bar, ir pra pizzeria e não ter ninguém pra levar, nesses ambientes que me incomodavam mais e nessas empresas que tinha esse tipo de outra relação ainda mais essa tentativa de ter essa relação extratrabalho, extra-horário comercial, eu me sentia mais preso com mais dificuldade (ELD3).

Para finalizar nossa análise, identificamos em nossas entrevistas o sétimo tipo de recurso discursivo. A ambiguidade presente no recurso paradoxal não é a única a participar da construção desses corpos, uma vez que outro recurso a utiliza com uma diferença. Enquanto o paradoxo faz com que o corpo se desequilibre por tirar-lhe o ponto gravitacional, a ironia inverte a posição do corpo em torno de seu próprio eixo em relação aos corpos dentro da heteronormatividade. Nesse recurso discursivo, as práticas organizacionais invertem seus valores meritocráticos, transformando os corpos dos gays em ironia do seu desempenho profissional quando comparados a corpos heterossexuais.

Eu conseguiria até um salário melhor, até o mesmo que outros professores, mas porque eu sou extremamente dedicado e quando surgiu uma outra escola... me ofereceram uma proposta maior que a outra escola. Só que eu percebo, por exemplo, assim... a questão do ensino médio, eles não me dão, nunca me ofereceram. Eu não sei se isso tem a ver com o fato de eu ser homossexual, mas eles já falaram depois você poderia pegar o médio, não agora porque os alunos não estão preparados. Por que eles não estão preparados pra me ter como professor? Atualmente eu acho que não estou num nível abaixo dos outros não, eu acho que eles me dão até bastante valor, só que eu sou extremamente... muito dedicado, se eu fosse como outros professores que não são tão dedicados, não sei se eu teria o mesmo olhar, a mesma

paciência que eles têm com outros professores que são menos dedicados. Se eu fosse hétero, poderia ser melhor pra mim (ID1).

Eu vejo homossexuais se dedicando muito no seu trabalho e eu também observo heterossexuais esperando isso deles, inclusive se eles não se dedicarem ao seu trabalho, isso é motivo de alguma forma de... não sei se seria rejeição... não seria uma coisa bem vista pra eles... porque num contexto heteronormativo, o homossexual tem, além das dificuldades relacionadas a sua sexualidade em se manter no seu trabalho, muito a questão da expectativa também (ID2).

O corpo irônico gay construído pelo discurso hegemônico é uma sabotagem sobre si. Esforço, desempenho e dedicação têm efeitos contrários sobre esses corpos que simplesmente praticam a performatividade de acordo com as exigências produzidas, não para seu desenvolvimento profissional ou promoção na carreira, mas para permanecer onde estão, para, pelo menos, manter o emprego.

4. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo entender a influência do discurso organizacional no processo de conformação dos corpos de trabalhadores gays masculinos. A partir das contribuições teóricas de Foucault e Butler, foi possível entender como os corpos são construídos para a existência de cinco participantes dessa pesquisa que, apesar de sujeitos

às mesmas normas regulatórias do discurso heteronormativo, possuem trajetórias particulares que ressaltam suas individualidades, como o fato do único entrevistado que se assumiu gay para seus colegas de trabalho (e só para eles) ser aquele que não vive com seus pais, que moram em outra cidade na região.

Entretanto, apesar de “*cada caso ser um caso*” (Fonseca, 1999), procuramos estabelecer ligações entre os casos particulares aqui estudados e o contexto cultural mais amplo, indo, portanto, do individual ao geral no momento em que encontramos em suas falas sete estratégias discursivas que configuram seus corpos. Encontramos, então, nos discursos de nossos personagens sete estratégias (paradoxo, metonímia, eufemismo, metáfora, hipérbole, eclipse e ironia) que as organizações utilizam para construir seus corpos, na medida em que o verbo reveste a carne materializando o corpo por meio das práticas discursivas que articulam saber e poder.

Tais estratégias atuam de maneira distinta, porém cada uma desempenha sua função ortopédica rica em eficácia. Enquanto o paradoxo desequilibra os corpos num discurso ambíguo de permissão e proibição, a metonímia os reduz a objetos pejorativos que comprometem o desempenho. Numa tentativa de escape dessa objetificação, os corpos passam por um processo de eufemismo para suavizar os

traços tidos como muito marcantes e por um processo de metaforização para se aproximar de um corpo heterossexual nos moldes heteronormativos. Além disso, os corpos também são elipsados em seus traços que não podem ser suavizados, nem comparados. Então seu comportamento é omitido, deixado às escuras para que não seja visto. Como onde há poder, há resistência (Foucault, 1988), os corpos que não se entregam de todo a essa ortopedia, têm suas partes ressaltadas como aberrações, constituindo a sua hipérbole. E por último, o corpo é invertido, trazendo uma ação contrária sobre si ironicamente, desmerecendo seu desempenho profissional face aos traços heterossexuais.

Não é nossa proposta esgotar a questão de como nossos corpos são construídos e desconstruídos, configurados e reconfigurados pelos discursivos inseridos num contexto de saber-poder. Outras revelações podem e ainda devem ser feitas por outras análises, o que contribui para entender como esse processo se dá, porque ele se dá, e quem ganha e quem perde nesses contextos. Além disso, é preciso ainda teorizar sobre o discurso organizacional como aquele que está inserido nos discursos da sociedade no sentido não apenas de entender aquele como reflexo deste, mas também do reforço do primeiro sobre o segundo e da utilização de poder que lhe é peculiar nas relações hierárquicas de trabalho.

É importante reconhecer os limites deste estudo, especialmente no que se refere aos sujeitos participantes, já que todos são homens cisgêneros, jovens (entre 20 e 35 anos), brancos e residentes de uma cidade conservadora no estado do Paraná. Este recorte oferece uma leitura específica sobre as identidades de gênero e sexualidades expressas no contexto empresarial. Embora a pesquisa forneça insights valiosos sobre a construção de corpos gays masculinos em um ambiente heteronormativo, é fundamental reconhecer que outras subjetividades, como pessoas trans, negras, amarelas, com deficiência e idosos, podem trazer perspectivas adicionais (Kimmel, 1998) e, dessa forma, enriquecer o debate.

Futuras pesquisas poderiam explorar essas interseccionalidades para uma compreensão mais ampla e inclusiva das dinâmicas de gênero e sexualidade nos contextos organizacionais. Essa abordagem mais abrangente permitiria uma visão mais completa das múltiplas formas de opressão e resistência que permeiam as experiências de diferentes grupos sociais, contribuindo para uma análise mais profunda e crítica das relações de poder e da constituição de subjetividades no ambiente de trabalho. Além dessas propostas, é preciso também compreender como os corpos são produzidos em organizações específicas que permeiam a sociedade como as igrejas, as universidades, as escolas,

as organizações militares, as prisões... como cada uma dessas unidades de análise pode apresentar contribuições específicas para a compreensão desse tipo de processo de construção de corpos.

Nossas contribuições com este estudo apenas pretendem se ater, a partir de nosso objetivo, ao reconhecimento de estratégias utilizadas pelas organizações – conscientemente ou inconscientemente – como fortalecedoras do sistema binário, especialmente na construção dual que produz os corpos heteronormativos e os outros como abjetos. A partir das identificações das figuras de linguagem que se inscrevem nos corpos aqui investigados, é possível repensar estratégias de resistência pela teoria *queer* com vistas à desconstrução da persistência desse dualismo, uma vez que essa forma de pensar a sexualidade e as existências “*acaba por manter a lógica da subordinação*”, como Louro (2001, p. 552) faz questão de frisar.

Essas estratégias de resistência não são fixas, planos de ações coordenados por um estrategista, mas trabalham a partir da invenção, do reajuste e da modificação dos dispositivos da verdade sobre a sexualidade que estão, aliás, constantemente em recomposição (Foucault, 2004). Maciel Jr. (2014, p. 2) interpreta a resistência na visão foucaultiana a partir da ideia de criar novas possibilidades de existência, uma vez que “*resistir é, neste aspecto, o oposto*

de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar”.

Sendo assim, as estratégias de resistência são ancoradas nos procedimentos desconstrutivos das oposições binárias da heterossexualidade/homossexualidade que passam pelo ⁽¹⁾questionar o como e o porquê da heterossexualidade ser considerada a forma natural e superior frente às outras formas de vida e pelo ⁽²⁾problematizar como esse processo normalizador dita regras aos modos de ser e viver, tornando seres abjetos aquelas e aqueles que teimam em não se encaixar nessa matriz excludente. A teoria *queer* não nos traz uma receita infalível libertadora, avisa Louro (2001, p. 552), pois “antes de pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos, quer discutir (e dismantelar) a lógica que construiu esse regime, a lógica que justifica a dissimulação, que mantém e fixa as posições de legitimidade e ilegitimidade”.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. V.; VERSIANI, F.; SANTOS, C. M.; CARVALHO NETO, A. “Eu tento não me esconder, nunca”: estratégias utilizadas pelos profissionais gays e lésbicas para minimizar os estigmas sexuais nos espaços de trabalho. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.37, p.1-21, 2021.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.1, p.24-34, 2011.
- BELL, D.; BINNIE, J. **The sexual citizen: queer theory and beyond**. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BOYD, N. A. **Wide-open town: a history of queer San Francisco to 1965**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2003.
- BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993a.
- BUTLER, J. Critically queer. **GLQ Journal of Lesbian & Gay Studies**, Durham, p. 17-32, 1993b.
- BUTLER, J. Em entrevista a PRINS, B.; MEIJER, I, C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAPRONI NETO, H. L.; SARAIVA, L. A. S. Masculinidades, trabalho e reprodução de preconceitos: um estudo com trabalhadores gays, lésbicas e bissexuais. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, n.1, v.8, p.191-215, Jan./Jun. 2018.

CAPRONI NETO, H. L.; BRETAS, P. F. F.; SARAIVA; L. A. S.; SILVA, A. N. Desenhando a vivência: um estudo sobre sexualidade, trabalho e tabu de homens gays. **Bagoas**, v.9, n.12, p.189-216, 2015.

CAPRONI NETO, H. L.; SARAIVA, L. A. S. ; BICALHO, R. A. Violência simbólica nas trajetórias profissionais de homens gays de Juiz de Fora. **Psicologia Política**, n.26, v.13, p.93-110, Jan./Abr. 2013.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Porto: Rés-Editora, 1972.

D'EMILIO, J. Capitalism and gay identity. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (edit.). **The lesbian and gay studies reader**. New York; London: Routledge, 1993.

ECCEL, C. S.; FLORES-PEREIRA, M. T. A inserção da “diversidade” homossexual em uma livraria de Shopping Center: um estudo crítico. In: EnANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2008.

FERRARI, A.; BARBOSA, J. G. C. V. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas**, n.11, p.211-236, 2014.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 54, 2010.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.10, p.58-78, Jan./Fev./Mar./Abr. 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: I**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004.

GLAAD - Gay and Lesbian Alliance Against Defamation. **Glaad media reference guide: terms to avoid**. [2006]. Disponível em: <https://www.glaad.org/reference/offensive>. Acesso em 10 Jul. 2019.

GOMES, R.; FELIX, B. O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. **Cadernos Ebape.br**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.375-388, Abr./Jun. 2019.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.16, p.193-210, Jan./Abr. 2015.

IRIGARAY, H. A.; FREITAS, M. E. Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho. **Psicologia Política**, n.26, v.13, p.75-92, Jan./Abr. 2013.

IRIGARAY, H. A. R.; SARAIVA, L. A.; CARRIERI, A. D. P. Humor e Discriminação por Orientação Sexual no Ambiente Organizacional. **Anpad Rac**, v. 14, n. 5, p. 890-906, 2010.

JACKSON, S. Sexuality, heterosexuality and gender hierarchy: getting our priorities straight. In: INGRAHAM, C. (edit.). **Thinking straight: the power, the promise, and the paradox of heterosexuality**. New York: Routledge, 2005.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LOMBART, M. Discurso, orden social y relaciones de poder: una propuesta y su ejemplificación en el discurso sobre la maternidade. **Revista de Psicología Social Aplicada**, v. 5, n. 1/2, p. 165-184, 1995.

LOURO, G. L.; RIOS, R. R. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, L. G. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, v. 2, n. 9, 2001.

MACIEL JR., A. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01-08, Jun. 2014.

MAGALHÃES, A. F.; SARAIVA, L. A. S. Contradições entre essência e aparência nos processos de empoderamento de gays em organizações de trabalho. **Gestão e Planejamento**, Salvador, v.19, p.159-176, Jan./Dez. 2018.

MALUF, S. W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, Florianópolis, v. 9, n. 9, p.87-101, Jan. 2001.

MISKOLCI, R. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas**, n.11, p.51-78, 2014.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150-182, jan/jun 2009.

PARKER, I. **Discourse Dynamics: critical analysis for social and individual psychology**. London: Routledge, 1992.

PEREIRA, B.; AYROSA, E. A. T.; OJIMA, S. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. **Cadernos Ebape.br**, v.4, n.2, p.1-16, Jun. 2006.

PEREIRA, S. J. N.; AYROSA, E. A. T. Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 61, 2012.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, L. H. S. Um pretinho mais clarinho. Ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 81-115, 1997. SMITH, B. A.; MURIB, Z.; MOTTA, M.; CALLAGHAN, T. H.; THEYS, M. “Gay” or “homossexual”? The implications of social category labels for the structure of mass attitudes. **American Politics Research**, n.46, v.2, p.336-372, 2017.

SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM Revista Administração MACKENZIE**, v. 14, n. 4, 2013.

VALOCCI, S. The class-infected nature of gay identity. **Social Problems**, v.46, n2, p.207-224, May 1999.